

# ***CARNES: SÍNTESE DOS CENÁRIOS DE MERCADOS NO BRASIL***



***Carlos Cogo***  
***MAIO/2018***

# O IMPACTO DA GREVE DOS CAMINHONEIROS

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), no segmento de frangos e suínos, o prejuízo acumulado é de R\$ 3 bilhões e 64 milhões de aves já morreram. Esse número de aves mortas é composto, especialmente, por pintinhos que foram sacrificados ao nascer. A menor parcela é de aves adultas. Elas estão sendo colocadas em composteiras nas próprias propriedades, mas o sistema já está no limite.

Cerca de 1 bilhão de aves e 20 milhões de suínos ainda estão em risco de morte como consequência direta dos bloqueios. Os bloqueios dos caminhoneiros ainda impedem o fluxo de produtos, aves e ração para a avicultura e a suinocultura. Levantamento feito pela entidade junto a seus associados, indicam que caminhões com ração e insumos para a produção, como milho e soja, não conseguem passar em mais de 300 pontos de 22 Estados pelo País.

Volumes próximos de 120 mil toneladas de carne de frango e suína deixaram de ser exportados desde o início da greve. A continuação dos bloqueios para produtos alimentícios, rações e animais são um grave risco ao País. Aos poucos, as grandes indústrias, como BRF, Seara e Aurora, também são afetadas de forma mais severa pela falta de ração. Inicialmente, a escassez de ração atingia principalmente as indústrias de pequeno e médio porte.

Nas maiores empresas do setor, a política de redução de danos, com o racionamento de ração para os animais, vinha atenuando a crise. Mas, desde a segunda-feira (28/05), pela primeira vez, faltou ração em algumas granjas de produtores integrados das grandes empresas.

Há lotes de frango completamente sem ração. A região sul de Minas Gerais, o norte do Paraná e o Rio Grande do Sul são as regiões de atuação do segmento de carne de frango e suína mais afetados pela greve dos caminhoneiros. 65% da produção e 95% das exportações de carne de frango são oriundas dos três Estados da Região Sul, número muito similar ao registrado no mercado de carne suína.



# O IMPACTO DA GREVE DOS CAMINHONEIROS

Os segmentos de aves, suínos e leite parecem ser os mais fragilizados diante da atual greve dos caminhoneiros. Isso porque, além de se tratarem de animais, que precisam ser alimentados, são setores que já estavam passando por fortes dificuldades antes da atual paralisação. No geral, o clima é de incertezas, justamente em um momento em que esses mercados caminhavam para uma possível recuperação.

No segmento de avicultura, ainda que este seja um setor integrado, as negociações envolvendo o frango estão travadas. Enquanto o avicultor não consegue receber insumos para alimentar os animais, frigoríficos reduziram o abate – muitos estão parados – porque não há mais espaço em seus estoques, que não estão sendo escoados. Haveria alimentos para os animais até o meio desta semana e, por isso, muitos têm racionado a alimentação – cenário que deve reduzir a produtividade e enxugar ainda mais a oferta interna.

Vale ressaltar que o setor avícola é fortemente dependente do mercado internacional – 35% da produção brasileira da proteína é exportada – e o mercado enfrenta embargo por parte de um importante comprador (União Europeia). Portanto, o atual contexto pode dificultar os recentes avanços em acordos estabelecidos com outros países demandantes da carne.

O cenário verificado no mercado de suínos é bastante parecido com o de aves, com muitos produtores racionando o uso de insumos, enquanto frigoríficos reduzem ou paralisam os abates. Em alguns poucos casos, o produtor consegue negociar com frigoríficos próximos, em localidades em que os acessos estão liberados. Nestas situações, os valores negociados estão bastante dispersos dos de outras regiões. Antes da paralisação, o setor estava animado com a notícia da possível retomada das compras da carne por parte da Rússia e os primeiros embarques para a Coreia do Sul. No entanto, a greve está impedindo a saída da carne dos frigoríficos e, conseqüentemente, as exportações.





# BOI GORDO & CARNE BOVINA

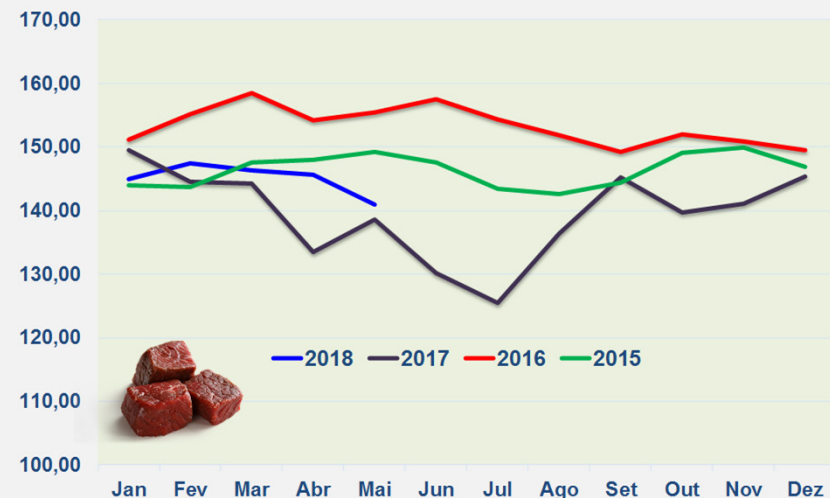
No mercado interno, maio foi marcado por operadores recuados e intensificação da queda nos preços. O aumento da oferta de bovinos, proporcionado pelas condições dos pastos, que vão sendo desfavorecidas pela proximidade da seca, gerou à indústria o alongamento das escalas de abate e a consequente diminuição da demanda. A retração de compradores foi preponderante sobretudo para os lotes que visavam abastecer o mercado doméstico.

No acumulado deste ano, entre janeiro e maio, o preço médio do boi gordo em São Paulo acumula uma baixa de 3,1%. Os preços se mantiveram praticamente estáveis entre janeiro e abril, mas registraram um recuo de 3,2% ao longo do mês de maio. No mercado físico do boi gordo, o volume é restrito de negociações, principalmente por causa da baixa demanda dos frigoríficos. Mesmo que as ofertas de bovinos sejam menores, já que os lotes mais volumosos foram entregues durante a primeira quinzena de maio, a lentidão do escoamento da carne bovina no atacado limita as compras de bois por parte da indústria e com isso os preços não se movem.

Para a carne bovina negociada no atacado de São Paulo, desde o começo do ano, a carcaça casada do boi acumula desvalorização de 9,9%, recuando de R\$ 10,42 por Kg em janeiro para a média atual de R\$ 9,38.

Os custos de produção da pecuária de corte brasileira registraram pequena alta no 1º quadrimestre de 2018. De janeiro a abril, o Custo Operacional Efetivo (COE) da pecuária de corte subiu 1,28%, na média brasileira (que considera os estados de Acre, Bahia, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Paraná, Rondônia, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins). Apesar disso, o aumento verificado no custo de produção pecuária na parcial deste ano ainda está abaixo do da inflação, que cresceu 2,24% no 1º quadrimestre.

**BOI GORDO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSIS DA ARROBA - PAGAMENTO A PRAZO SÃO PAULO**



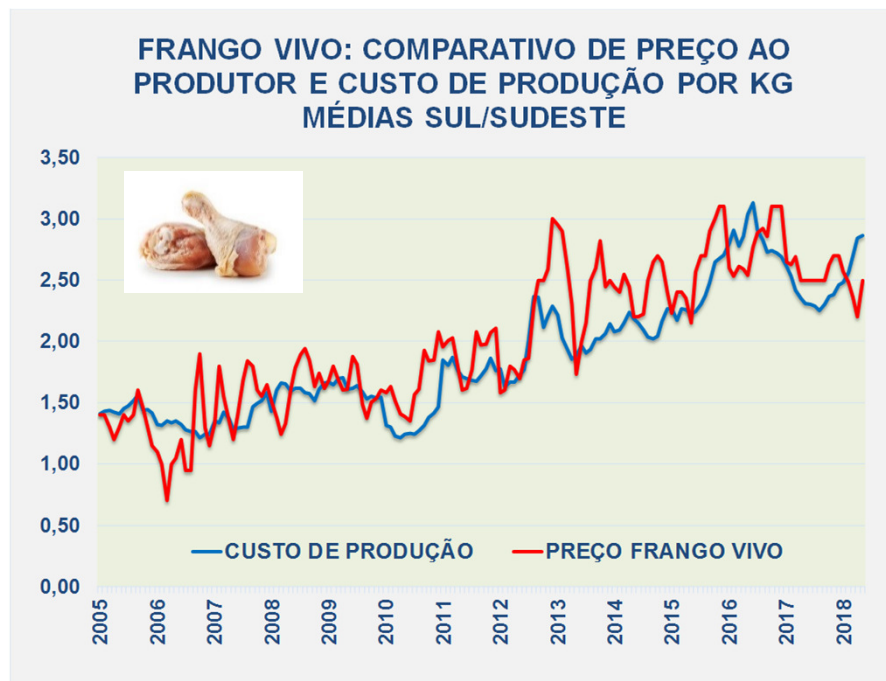
# FRANGO VIVO & CARNE DE FRANGO

A avicultura de corte deu claros sinais de recuperação ao longo do mês de maio, visto que a oferta de carne de frango diminuiu, enquanto a demanda pela proteína aumentou no mercado doméstico. Com as cotações em baixos patamares no início do período, o consumo aumentou, permitindo que os agentes do setor elevassem os valores. O embargo atual que as aves vêm sofrendo na União Europeia fez com que houvesse inundação no mercado interno de frango e derivados, resultando em redução de 14% no preço desses produtos no acumulado do 1º quadrimestre de 2018.

Assim, o preço do frango inteiro registra alta em todas as regiões. Em São Paulo, no atacado, as cotações do frango resfriado registram altas de 10,1% nos últimos 7 dias e de 19,6% nos últimos 30 dias. Em São Paulo, o frango vivo subiu para R\$ 2,50/Kg em maio, acumulando alta de 13,6% em 30 dias. Em Minas Gerais, a cotação do frango vivo está em R\$ 2,65/Kg.

A oferta deve permanecer decrescente nos próximos meses. Vale ressaltar que a reação recente dos preços é uma recuperação. Com as desvalorizações seguidas do frango vivo, os produtores reduziram o ritmo do alojamento, com o objetivo de diminuir a disponibilidade do frango, o que deve permitir a continuidade da recuperação dos preços nos próximos meses.

O custo de produção de frangos de corte no Paraná, calculado a partir dos resultados de custos de produção para aviário tipo climatizado em pressão positiva, passou de R\$ 2,70 em março, para R\$ 2,84 por Kg vivo em abril. Os preços dos insumos usados na ração voltaram a puxar para cima o custo, que subiu 5,14% em abril ante março. No ano, a inflação apenas da nutrição já acumula alta de 13,89%. O custo vem subindo sucessivamente desde agosto de 2017. Em 2018, o custo de produção já acumula 14,89%.



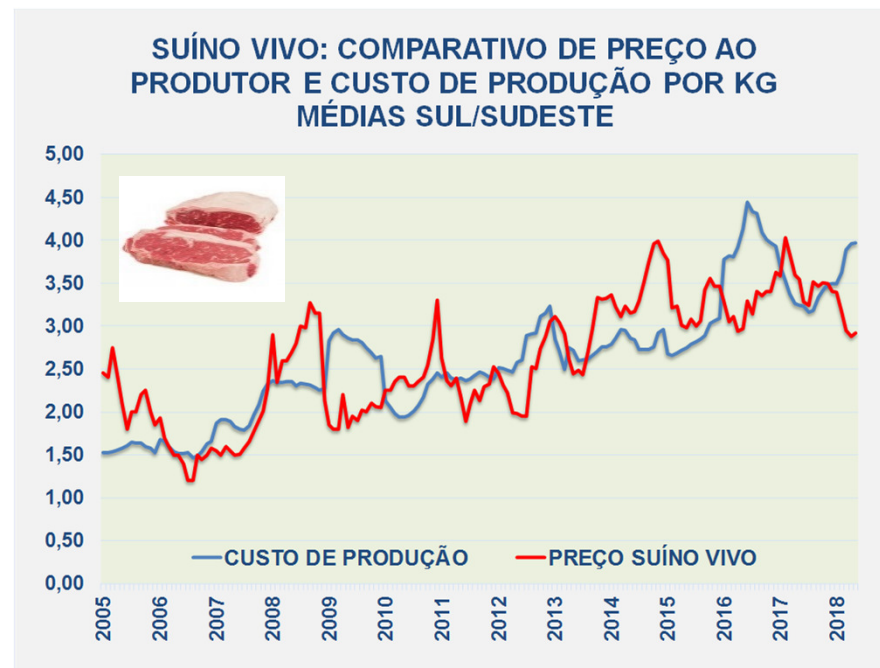
# SUÍNO VIVO & CARNE SUÍNA

Em algumas regiões do País, os preços do suíno vivo esboçam reação, com leve alta 1,4% na Região Sul nos últimos 30 dias. Os preços da carcaça suína se mantêm em baixos patamares no mercado interno, enquanto os valores da carne exportada registram forte alta, impulsionados pela expressiva valorização do dólar nas últimas semanas. Esse cenário fez com que os preços da carne suína no mercado doméstico e os da exportada atingissem, em maio, a maior diferença já registrada.

Em maio, o suíno para exportação está R\$ 5,42/Kg mais caro que a carcaça negociada no atacado, em São Paulo. A carne suína segue em desvalorização na parcial de maio, com a carcaça especial negociada a R\$ 4,79/Kg. Os valores da carne suína seguem pressionados pela oferta elevada de animais vivos no mercado interno e pela retração das compras por parte da indústria, que, diante do consumo enfraquecido, tem optado por manter os estoques em patamares menores.

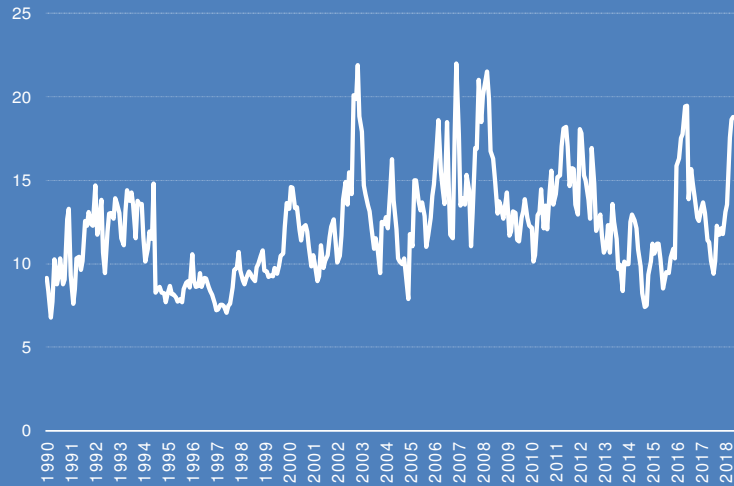
A alta do dólar gera oportunidade para o setor aumentar suas receitas com as exportações e amenizar as perdas com os recuos nos volumes embarcados nos últimos meses. As indústrias estão animadas com o início das vendas à Coreia do Sul – que pode promover a abertura de outros mercados ao Brasil – e com a possível retomada das compras por parte da Rússia.

Os preços dos insumos usados na ração voltaram a puxar para cima o custo de produção de suínos em abril, que subiu 1,76%. Os gastos com as rações subiram 1,77% em relação a março. No ano, a inflação apenas da nutrição já acumula 12,61% para os suínos. O custo vem subindo desde julho do ano passado. Apenas em 2018, o índice já subiu 12,85%. Em Santa Catarina, o custo de produzir 1,0 Kg de suíno vivo em ciclo completo passou de R\$ 3,89 em março para R\$ 3,96 em abril.

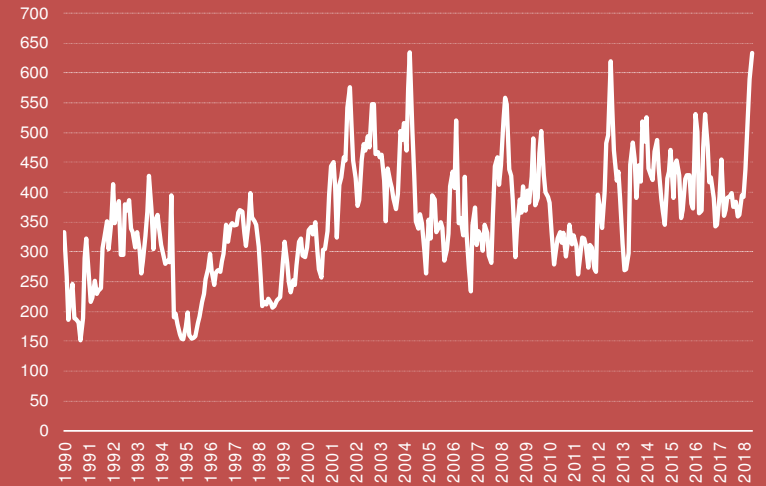


# PODER DE COMPRA: AVICULTURA E SUINOCULTURA

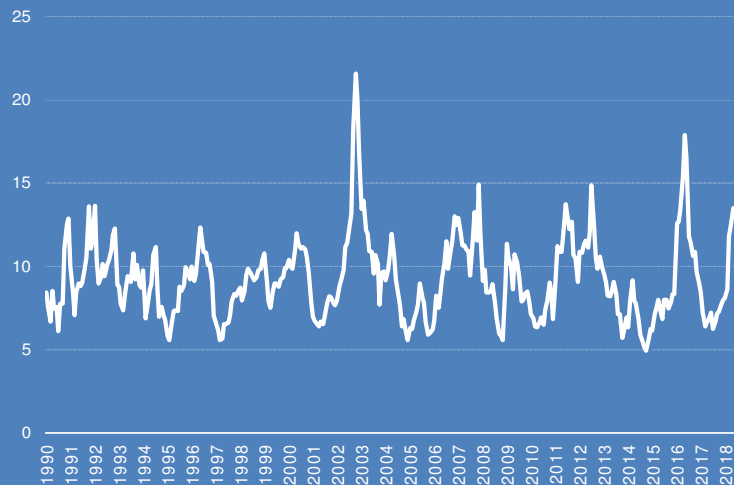
KG FRANGO VIVO NECESSÁRIOS PARA ADQUIRIR 1 SACADA DE 60 KG DE MILHO - MÉDIA SUL/SUDESTE



KG FRANGO VIVO NECESSÁRIOS PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FARELO DE SOJA - MÉDIA SUL/SUDESTE



KG SUÍNO VIVO NECESSÁRIOS PARA ADQUIRIR 1 SACADA DE 60 KG DE MILHO - MÉDIA SUL/SUDESTE



KG SUÍNO VIVO NECESSÁRIOS PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FARELO DE SOJA - MÉDIA SUL/SUDESTE

